

levar vida plena

aos outros



Associação Irmãs Franciscanas
da Mãe Dolorosa

Ordem Terceira de São Francisco

Novembro 2014 # 6

Caros leitores / leitoras,

Em continuidade com o tema tratado neste ano, *testemunho franciscano para a evangelização*, a sexta edição do nosso boletim "... Levar vida plena aos outros" oferece uma reflexão sobre os *desafios da vida cristã hoje*. Fazemos isso através da apresentação de algumas figuras femininas de santidade, Isabel da Hungria, Gianna Berretta Molla, Giuseppina Bakhita e um testemunho sobre Madre Francisca Streitell, fundadora da nossa congregação. Estas santas mulheres viveram os desafios da vida cristã em uma moldura de normalidade. Elas expressaram sua fé, sua esperança e caridade com gestos de amor para com Deus e o próximo.

De Santa Bakhita, Bento XVI, o Papa emérito, escreveu na Carta Encíclica *Spe Salvi que ela, através do conhecimento da esperança foi resgatada, já não era mais escrava, mas uma livre filha de Deus*. Esta é uma meta para todos. Apesar da promessa de Jesus de estar sempre conosco até o fim dos tempos e o incentivo da Igreja a não ter medo, fazemos muitas vezes a experiência de como a nossa fé vacile pelas provocações e desafios da vida. E o exemplo e testemunho de pessoas que viveram a vida cristã com fidelidade e coerência, não nos impulsionam com suficiente profundidade. Fadigamos para colocar Cristo acima de tudo e sedemos facilmente com os compromissos da fé. Às vezes penso que a pergunta de Jesus: "*quando eu voltar, ainda haverá fé sobre a terra?*" É também dirigida a nós, hoje, que, muitas vezes, nos adaptamos às propostas de uma sociedade contraditória e não estamos preparados para responder aos desafios quotidianos com opções de Justiça, segundo o Evangelho de Jesus Cristo.

As figuras das mulheres que apresentamos nesta edição nos fazem perceber que o principal desafio da vida cristã consiste em acreditar que o próprio Cristo é a mensagem de esperança para o mundo e que, em seu Evangelho se encontra a força renovadora. Papa Francisco nos recorda não ter medo de ser cristãos e viver como cristãos; lembra-nos que a Igreja é enviada por Cristo ressuscitado para transmitir aos homens o perdão dos pecados, para fazer crescer o reino de amor e para semear a paz nos corações das pessoas.

Irmã M. Teresina Marra, SSM
Superiora Geral

Reflexão

Todos nós somos chamados a dar testemunho de nossa fé nas ações e escolhas da vida cotidiana e Na maneira em que tomamos as pequenas e grandes decisões da vida.

Testemunhos de Ontém

Isabel da Hungria vivia unida a Cristo e seu exemplo nos ensinou que viver uma vida de serviço significa "sujar as mãos".

Testemunhos de Hoje

Bakhita e Gianna Beretta Molla são para nós dois exemplos para fortes e brilhantes do de uma vida vivida na alegria mesmo em meio aos sofrimentos, e no dom total de si.

M. Francisca Streitell

M. Francesca é para os cristãos de hoje é um exemplo de confiança em Deus e vida doada na esperança e na caridade.

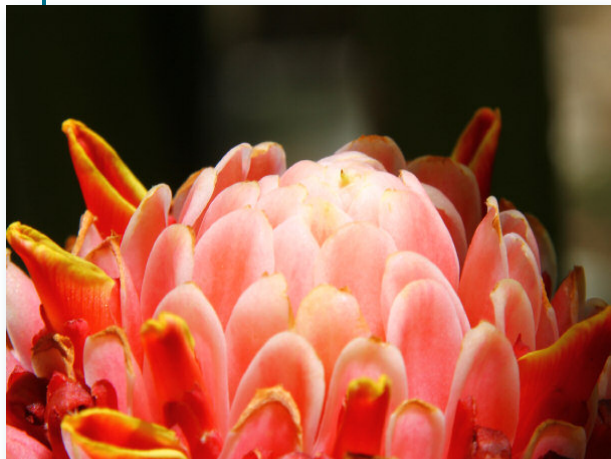


Desafios da vida cristã hoje

Publicado pela:
Generalado SSM
Casa Generalizia
Via Paolo III, 7-9
00165 Roma, Italia
www.ssmgen.org

Reflexão

A paixão das paciências



“Vêm as paciências. As paciências, estas migalhas de paixão... Desde a manhã, eles estão em nossa frente: nossos nervos são muito mal-humorados ou muito lentos, é o ônibus lotado que passa, o leite que derrama, os limpadores de chaminé que vem, as crianças que misturam tudo.

É o telefone que toca; aqueles que amamos não nos amam mais; é o desejo de permanecer em silêncio e ter que falar; é o desejo de falar e a necessidade de ficar em silêncio; você quer sair quando se está fechado, querer ficar em casa quando se tem que sair ... é o desgosto de nossa parte quotidiana é o desejo febril do que não nos pertence.

Assim é a nossa paciência, e sempre nos esquecemos de dizer que são o martírio preparados para nós ... e a paixão das paciências“

(Madeleine Delbrel, leiga francesa, serva de Deus)

Há tantos lugares do mundo em que viver a fé cristã implica sofrer perseguição, violência e hostilidade, discriminação, risco de morte. Os cristãos que vivem nessas áreas vivem diariamente a sua amizade com Jesus e o testemunho de fé nele enfrentando os riscos relevantes e seu martírio até a morte é uma possibilidade muito concreta e realista.

A maioria de nós que lemos estas linhas não está exposto a essas situações de risco por causa da sua fé em Jesus Cristo. Talvez nós nos encontramos com situações nas quais, o testemunho da nossa fé em Jesus significa estar exposto a discriminação e ridículo. Conheci jovens casais cristãos que são ridicularizados pelo fato de que alegremente decidiram ser abertos à vida e, estão esperando seu segundo ou terceiro ou mesmo quarto filho. “Pense em si mesmo e em se divertir enquanto você é jovem” ou “pensem em manter o trabalho, em vez de fazer filhos”, ouvem dos amigos e até de familiares. Não raro, pode acontecer que os jovens que optam por passar as suas férias dedicadas à experiência profunda de fé ou voluntariado sejam excluídos ou provocados por seus colegas de classe ou colegas de trabalho. Dificilmente aqueles que escolhem a vida religiosa ou ao sacerdócio recebem apoio ou encorajamento em seu ambiente de vida: muitas vezes familiares amigos e colegas se escandalizam com a sua decisão de deixar tudo e seguir o Senhor nesta forma de vida.

Mas é, sobretudo na simplicidade da vida que todos nós somos chamados a dar testemunho de nossa fé, família, na comunidade religiosa e eclesial, no trabalho, com amigos, em todos os contextos em que vivemos e trabalhamos, no modo em que interagimos entre nós, na maneira em que fazemos nossas escolhas e tomamos pequenas e grandes decisões da vida. Talvez poucas vezes em nossas vidas nos deparamos com acontecimentos marcantes ou decisões drásticas por causa da nossa fé, mas somos chamados a renovar continuamente e escolher a vida de Jesus no terrível quotidiano, ou, nas palavras de Madeleine Delbrel, no martírio ou a “paixão das paciências.”

Os termos testemunhas e mártires têm o mesmo significado: eles indicam aqueles que viram, que tocaram, experimentaram alguma coisa da qual se tornam os porta-vozes desta realidade. Aqui reside a essência da nossa vida cristã: a experiência do amor de Deus que vem a nós em nossas vidas e em nosso interior e nos faz experimentar de ser criaturas preciosas aos seus olhos, e amadas no nosso limite e nossa fragilidade. É esta a experiência de amor e salvação que podemos trazer para os outros, tornando-nos testemunhas humildes, mas credíveis da vida boa do Evangelho. Assim colaboramos na missão de Jesus que veio para que outros tenham vida e a tenham em abundância (João 10:10). Sem esta experiência íntima e profunda a nossa fé corre o risco de ser reduzida a um código de ética, um conjunto de rituais devotos, em um estilo de comportamento honesto: são todas coisas boas e valiosas, são dimensões essenciais da nossa fé, enquanto a manifestamos e a tornamos visível. São Tiago diria: *“se não tiver obras, a fé é morta em si mesma; Mostra-me a tua fé sem obras, e eu pelas minhas obras, te mostrarei a minha fé”* (Tg 2,17-18). Mas, sem a experiência do amor recebido de Deus e dado a outros, à fé falta a sua essência, sua origem, sua alegria.

Irmã Samuela Maria Rigon, SSM



Testemunhos
de Ontém

Santa Isabel da Turíngia

(nascida em 1207, provavelmente na Hungria –
morta em 17 de novembro de 1231, em Marburg, Alemanha).

Um breve resumo de sua vida: começou a trabalhar com quatro anos, já quando jovem, ela teve que lidar com a morte, se casou aos quatorze anos, teve três filhos, ficou viúva após seis anos de feliz casamento, saiu de sua casa, fundou um pequeno hospital, dedicou sua vida a ajudar os pobres, ficou doente e morreu aos 24 anos.

Quais são os principais desafios para a nossa vida cristã que podemos aprender com a sua figura?

O passado incide sobre a nossa vida, mas é possível crescer e sair dele

Elizabeth era uma criança vivaz. Aos quatro anos de idade teve que deixar sua casa na Hungria e foi feita para uma família principesca em Eisenach, onde foi prometida esposa de Herrmann. Ela recebeu uma educação católica de sua sogra Sofia. Quando o namorado morreu repentinamente se casou com seu irmão Ludwig e tiveram três filhos. Ela teve a graça de poder e riqueza, desde o nascimento, mas Elizabeth escolheu então, com todo o seu coração de viver em simplicidade e pobreza.

O sentido da vida está no servir e sujar as mãos

O casamento do casal real era feliz, seu marido a apoiou, mas Elizabeth não se sentia em casa no Castelo de Wartburg, residência da família, com seus próprios costumes e tradições. Ele não queria conformar-se aos costumes e tradições do castelo, ela queria dedicar seu tempo e atenção ao povo. Ia até mesmo às favelas da cidade, com cestos cheios de pão para serem distribuídos aos pobres.

Aprender a lidar com uma vida dura

Quando, depois de seis anos de casamento, seu marido morreu, foi um verdadeiro golpe para ela. Era como se o mundo e tudo o que ele poderia oferecer não mais existisse para ela. Agora ela tinha que escolher de novo, deixar o castelo de Wartburg que ele tinha herdado ou reajustá-lo. Com o pouco dinheiro recebido construiu um pequeno hospital ao qual deu o nome de seu grande modelo, São Francisco de Assis. Em seu hospital eram tratados principalmente os pacientes que não eram internados em outros hospitais da cidade por causa de sua doença ou porque eram muito pobres.

Criar uma nova vida

Konrad de Marburg, um sacerdote da Ordem Premonstratense, cuidou de sua alma e dela, procurando orientá-la para uma dedicação e sacrifícios mais razoáveis. Elizabeth decidiu não se casar novamente e expressar sua compaixão no serviço desinteressado ao próximo. Havia encontrado um meio de cuidado para os filhos, para que pudesse dedicar-se totalmente ao serviço dos pobres. O hospital se tornou um lugar de misericórdia e de serviço pastoral. O amor de Elizabeth não tinha limites, não fazia cálculos.

Não perder nunca de vista a sua própria fonte

A sua fonte era o Cristo, ela tinha feito experiência dele e o tinha encontrado na Palavra proclamada, em experiências místicas, nos sacramentos e no trabalho com os pobres. Ela irradiava uma imensa felicidade apesar do serviço rigoroso e compassivo que a estava consumindo. Ela queria que as pessoas que atendia, fossem felizes, ficava contente quando a obra de caridade que fazia e o amor que tinha por eles, davam aos pobres a oportunidade de rir, cantar e sentir-se bem consigo mesmos.



Testemunhos de Hoje

Josefina Bakhita

(nascida em 1869, em Sudão, África – Morta em 08 de fevereiro de 1947, em Schio, Itália)



O passado incide sobre nossas vidas, mas é sempre possível crescer e sair dele

Bakhita nasceu na província ocidental do Sudão. Seu pai era o irmão do chefe da aldeia. Com aproximadamente seis anos de idade, ela foi seqüestrada por traficantes de escravos árabes; em seus oito anos de escravidão foi vendida cinco vezes. O trauma pelo seqüestro fez com que perdesse a memória do próprio nome. Mais tarde, ela decidiu ser batizada e junto com o batismo receber um novo nome, Josephine Margarita, o nome que os comerciantes de escravos a tinha dado (Bakhita, que em árabe significa “feliz”).

O sentido da vida está no servir e sujar as mãos

Durante seu cativeiro, Bakhita foi muitas vezes tratada de forma muito brutal. Uma vez o filho de um de seus patrões bateu com tanta força que ela não conseguiu se levantar de sua cama de palha durante um mês inteiro. Aquilo que mais tarde identificou como sendo a pior memória de sua vida, foi o seu quarto proprietário, um turco general para cuja sogra tinha que fazer o serviço de escrava e que a tinha marcado com uma tatuagem.

Aprender a lidar com uma vida dura

Em seus escritos em italiano, de muitos anos mais tarde, disse que uma vez a mulher trouxe farinha, sal e uma faca com a qual fez um longo corte em sua pele e encheu a ferida com sal para criar cicatrizes irreversíveis. Foram feitas mais de 60 cicatrizes, no peito, barriga e braços.

Criar uma nova vida

O último patrão de Bakhita foi um cônsul italiano que a tratou bem e que parecia querer libertá-la da escravidão. Em vez disso, ele mudou de idéia e deu Bakhita, que na época tinha completado 16 anos, a seu amigo Augusto Michieli. Ela foi levada para a Itália e se tornou a babá de sua filha Mimmina. Após Bakhita e Mimmina foram confiadas às Irmãs Canossianas de Veneza. Em 1890, Bakhita escolheu ser batizada por vontade própria, e recebeu o nome de Josephine Margarita. Quando a família Michieli a queria trazer para casa, Josephine não quis voltar. A Sua Michieli queria forçá-la, mas um tribunal italiano descobriu que no Sudão a escravidão havia sido proibida por lei antes que Bakhita nascesse, e que nem mesmo a lei italiana a obrigava, por isso legalmente Josephine nunca tinha sido escrava. Nesse meio tempo tinha se tornado maior de idade e pela primeira vez foi capaz de decidir o que fazer com sua vida. Sua escolha foi de se juntar às Irmãs Canossianas.

Nunca perca de vista as próprias origens

Em 8 de dezembro de 1895, Irmã Josefina professou os votos perpétuos. Em 1902, ela foi enviada para uma casa em Schio, uma cidade na província italiana de Vicenza, onde passou o resto de sua vida. Irmã Josephine passou a maior parte do tempo na portaria do convento, onde podia ter muito contato com as pessoas. Sua bondade, sua voz calma, o rosto sempre sorridente, já dizia muito sobre ela ao povo. Sua ordem religiosa reconheceu o carisma especial da irmã e encorajou-a a escrever e falar sobre suas experiências, o que a tornou conhecida na Itália. Os últimos anos de sua vida foram marcados pela dor e doença, mas sua bondade permaneceu intacta. Quando perguntada como se sentia, ela sempre sorria e respondia: “como Deus quer.” Nos últimos dias, a irmã Josephine espiritualmente retornou ao tempo da escravidão e no delírio gritava: “Eu rezo para que você solte minhas correntes... elas são muito pesadas.” Irmã Josefina Bakhita faleceu no dia 08 de fevereiro de 1947.

Gianna Beretta Molla

(nascida em Magenta, em 4 de outubro de 1922 - morreu em Ponte Nuovo, em 28 de abril de 1962)

Visitando tempo atrás, uma livraria católica nos Estados Unidos, notei uma grande quantidade de material nas prateleiras sobre Gianna Beretta Molla. Intrigada fiz algumas perguntas a balconista, a qual me explicou que a santa é muito conhecida e venerada naquele local.

Gianna Beretta Molla é uma bela figura de mulher - esposa, mãe e médica pediatra-proclamada beata como mãe de família, em 1994, pelo Papa João Paulo II. Mesmo antes da canonização em Roma no dia 16 maio de 2004, na presença de seu marido, a sua mensagem e devoção já tinham atingido os cinco continentes.

Nascida em uma pequena cidade no norte da Itália, em 04 de outubro de 1922 de pais terciários franciscanos, Gianna cresceu em um ambiente de vida cristã, onde desenvolveu sua sensibilidade para com os pobres e as missões com estilo franciscano.

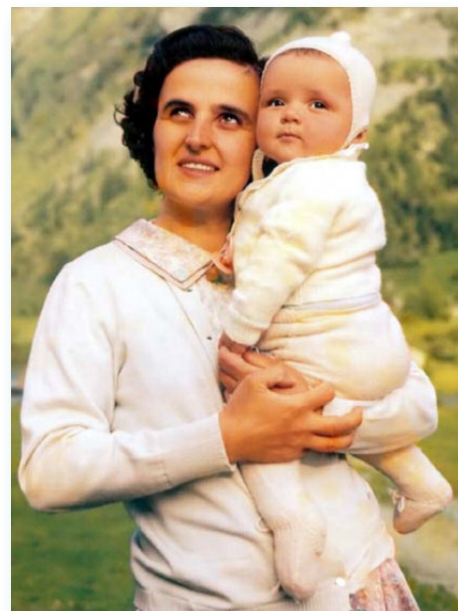
Já com 15 anos se questiona, rezando e fazendo rezar, sobre a sua vocação, porque *“do seguir bem a nossa vocação depende a nossa felicidade terrena e eterna”* (das suas cartas).

Após o colegial, ela estudou medicina e se especializou em pediatria em 1952 em Milão. Foi uma mulher que amante da vida, de fé profunda e generosa no serviço que realizava como médica preferiu, entre seus pacientes, pobres, mães, crianças e idosos. Em seu tempo livre se dedicava às atividades da paróquia, mas também a música, a pintura, ao esqui e alpinismo: era sua maneira de expressar a sua grande alegria de viver e desfrutar a magia da criação.

Conheceu então Pietro Molla, que se tornou seu marido em 1955. Da sua união nasceram três filhos, Pierluigi, Mariolina e Laura. Gianna soube harmonizar, com simplicidade e equilíbrio os seus compromissos de mãe, esposa, médica e sua grande alegria de viver.

Em setembro de 1961 verso o final do segundo mês de gravidez, Gianna foi tocado pelo sofrimento e o mistério da dor: apareceu um volumoso tumor benigno no útero. Antes da cirurgia para remover o tumor, mesmo sabendo o risco de continuar a gravidez, implorou ao cirurgião para salvar a vida que ela levava, e se entregou à oração. A vida foi salva. Gianna agradeceu ao Senhor e passou os sete meses que separaram a do parto com a força do espírito e compromisso inflexível com a mãe e médico. Poucos dias antes do nascimento, embora confiando sempre na Providência, ela estava pronta para dar a sua vida para salvar a de seu filho. *“Ela me disse explicitamente” - lembra o marido Pietro - “em um tom firme e ao mesmo tempo sereno, com um olhar profundo que nunca vou esquecer: Se você tem de decidir entre mim e o filho, não hesite: escolha - exijo - a criança. Salve a ele”*.

Pietro, que conhecia muito bem a generosidade de Gianna, seu espírito de sacrifício, a clareza de suas decisões, se sentiu na obrigação de consciência de respeitá-los, mesmo que podiam ter consequências extremamente dolorosas para ele e para os seus filhos.



Para Gianna estava claro que ela sozinha, naquele momento, representava, para a criatura em seu ventre, um instrumento da Providência para ser capaz de vir ao mundo; para as outras crianças, a sua educação e seu crescimento, ela confiava totalmente na Providencia através dos seus familiares.

A pequena Gianna Emanuela nasceu em 21 de abril de 1962, Sábado Santo; logo após as condições da mãe Gianna pioram e, apesar das tentativas dos médicos, morreu em 28 de abril de 1962 com a idade de 39 anos.

A escolha de Gianna foi ditada por sua consciência como uma mãe e médica e pode ser entendida somente à luz da sua grande fé, a sua firme convicção no sagrado direito à vida, no mistério do amor materno e total confiança em Deus.

Santa Gianna é para todos nós um hino à vida, um testemunho eloqüente do Evangelho de Jesus: o dom de si na morte coroou um caminho que ela percorreu com amor e fé ao longo de toda a sua vida.

Irmã Samuela Maria Rigon, SSM

***“O segredo da felicidade é viver momento
a momento e agradecer ao Senhor por tudo o que
Ele em Sua bondade nos envia no dia a dia”***

(Gianna Beretta Molla)

M. Francisca
Streitel

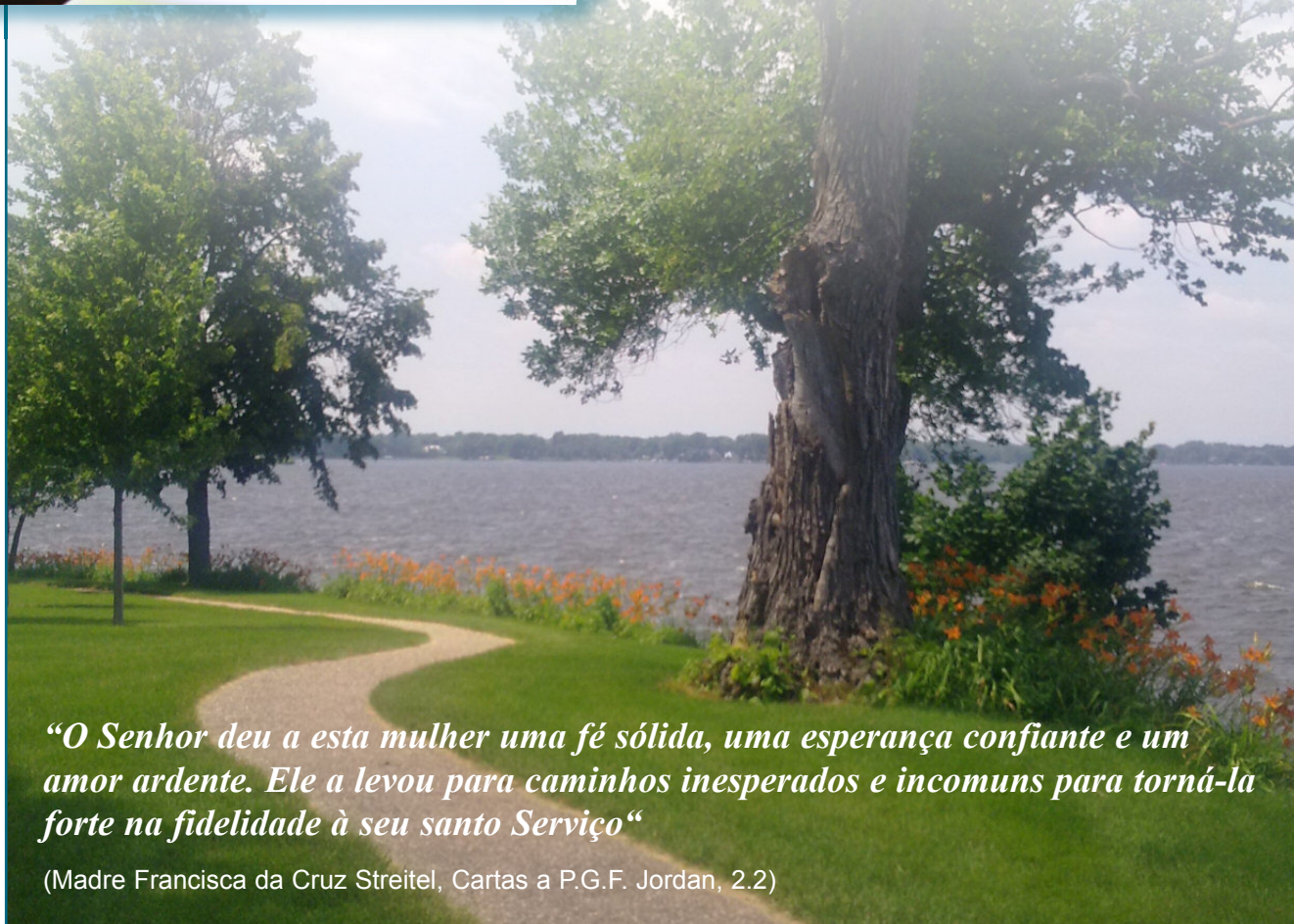
Eu sempre amei Madre Francisca Streitel por ser a fundadora das Irmãs da Mãe Dolorosa, mas depois de receber por sua intercessão uma graça extraordinária de proteção e cura, eu senti a necessidade de conhecer melhor a sua figura. Eu li tudo o que está exposto na web da congregação e outros subsídios e me impressionou muito a sua coerência na vida de fé, como cristã e como religiosa. Ela sempre procurou cumprir a vontade de Deus e em escolhas difíceis, como nas escolhas comuns, sempre se confiou a ele, como a um Pai bom e misericordioso. Esta coerência de vida na fé, na esperança e na caridade, é algo tão importante para a vida cristã hoje. Facilmente nos esquecemos de que Deus é Pai e Mãe, que é bom e se preocupa conosco, e assim nos voltamos mais facilmente para outros ídolos para encontrar soluções para os nossos problemas, que Madre Francisca chamava de cruces quotidianas.

A partir da experiência de cura feita e pelo esforço de conhecê-la melhor, minha fé cresceu e eu me aproximei mais a Ele, Deus, o doador de todo o bem. Quero testemunhar mais com a minha vida e dedicar mais tempo à oração.

Maria Nevina Ambrosino

“É triste encontrar cristãos que já não o sal da terra, e sabemos que quando o sal perde seu sabor, não serve mais para nada... Por isto é necessário renovar-se continuamente atingindo a seiva do Evangelho”

(Papa Francisco, Ângelus
31 de agosto de 2014)



“O Senhor deu a esta mulher uma fé sólida, uma esperança confiante e um amor ardente. Ele a levou para caminhos inesperados e incomuns para torná-la forte na fidelidade à seu santo Serviço”

(Madre Francisca da Cruz Streitel, Cartas a P.G.F. Jordan, 2.2)